



**ESTUDOS EM
JORNALISMO LITERÁRIO**
conduzidos no Brasil devem considerar questões de gênero,
defende pesquisadora

**LITERARY
JOURNALISM STUDIES**
held in Brazil must include gender issues, researcher argues

Por/By: Guilherme Profeta
Fotos/Photos: Fernando Rezende

É jornalismo ou é literatura? Nem sempre é fácil responder essa pergunta e, em alguns casos, a resposta pode ser simplesmente as duas coisas. O chamado jornalismo literário, que também admite diversos outros nomes (como literatura de não-ficção, por exemplo), combina o melhor dos dois mundos: o *conteúdo* que faz referência à realidade — a pedra fundamental do jornalismo — e a *forma* de construir as narrativas, que empresta o estilo menos pragmático, as várias camadas de significados e as experiências estéticas da literatura, resultando em textos mais densos e mais interpretativos, que se aproximam consideravelmente da arte (mas sem deixar de ser jornalismo, no fim das contas). É por isso que, desde 2006, os pesquisadores internacionais desse campo de estudos adotam o termo “jornalismo como literatura”, que possivelmente norteia melhor a questão, embora não a esgote.

No Brasil, talvez o exemplo mais clássico desse gênero híbrido seja o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, publicado pela primeira vez em 1902 e traduzido para o inglês em 1944 sob o título “*Rebellion in the Backlands*”. O livro foi baseado na cobertura que o escritor fez de um conflito armado entre o Exército Brasileiro e os insurgentes de Canudos, no sertão do estado da Bahia, que durou entre 1895 e 1898. Parte da reportagem entrou para o jornal O Estado de S.Paulo antes de virar um clássico da literatura brasileira e uma das obras pioneiras quando o assunto é jornalismo literário. Ainda assim, demorou mais de 40 anos para que a obra fosse publicada em inglês e, ainda hoje, esse é um dos poucos livros-reportagem brasileiros disponíveis no mundo anglófono.

Afinal, a despeito de o português ser uma das dez línguas mais faladas do mundo (contando com 250 a 279 milhões de falantes nativos em partes da Europa, da África, da América do Sul e do sudeste da Ásia), o idioma ainda costuma ser uma barreira, mesmo hoje em dia. Especialmente no que diz respeito aos estudos voltados ao jornalismo literário, as pesquisas baseadas em publicações brasileiras costumam ser escassas, uma vez que ainda há poucas obras traduzidas que estejam disponíveis para a leitura de pesquisadores internacionais não versados no português, em comparação à quantidade de obras em língua inglesa, por exemplo.

Is it journalism or is it literature? Answering this question is not always an easy task, and in some cases, the answer is simply both. The so-called literary journalism, which also admits several other names (such as creative non-fiction, for example), combines the best of both worlds: the *content* that refers to reality—the cornerstone of journalism—, and *how* stories are built up, borrowing its less pragmatic style and the many layers of meaning from literature, which results in texts that are more dense and more interpretative, that get considerably closer to art (without ceasing to be journalism, after all).

In Brazil, the most traditional example of this hybrid genre is most likely the book “Rebellion in the Backlands” (“*Os Sertões*”, in Portuguese), by Euclides da Cunha, published for the first time in 1902, and translated into English in 1944. The book was based on the writer’s coverage of an armed conflict between the Brazilian Army and the insurgents from the municipality of Canudos, in the backcountry of the state of Bahia, which lasted between 1895 and 1898. Some of the stories were published in the newspaper *O Estado de S. Paulo*, before being turned into a classic of Brazilian literature, and one of the pioneering works when it comes to literary journalism. However, it took over 40 years for the book to be finally published in English.

Despite the fact that Portuguese is one of the ten most spoken languages in the world (with 250 to 279 million native speakers living in parts of Europe, Africa, South America, and Southeastern Asia), language is still a barrier to this day. So, when it comes to research focused on literary journalism, studies based on Brazilian publications are usually scarce, since the amount of translated works available for international scholars who cannot speak Portuguese is reasonably low in comparison to all the material that is available in English, for example.

Normalmente os estudos focados no jornalismo literário desenvolvidos no Brasil compreendem quatro tipos: os primeiros se propõem a responder àquela pergunta fundamental que abriu este texto (é jornalismo ou é literatura?); os segundos se propõem a traçar os limites do próprio campo de pesquisa; os terceiros dão conta da história do jornalismo literário, abordando autores pioneiros como o próprio Euclides da Cunha; e os quartos estudam publicações históricas, como a consagrada revista Realidade, publicada no Brasil entre 1966 e 1976. Em todos esses casos, contudo, as pesquisas publicadas costumam ser conduzidas por homens, não raro brancos.

Pesquisas sobre jornalismo literário publicadas no Brasil costumam ser conduzidas por autores homens

Foi isso que percebeu a professora doutora Monica Martinez, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). Essa impressão a levou a publicar um artigo a respeito na edição de agosto de 2020 da revista *Literary Journalism Studies*, da Associação Internacional para os Estudos em Jornalismo Literário (IALJS, na sigla em inglês), na qual ela atua como presidente do Comitê de Engajamento Global desde 2019.

“A história do jornalismo literário no Brasil vem sendo narrada predominantemente por vozes masculinas, o que sugere desigualdade e um possível viés de gênero. Há evidências substanciais de que as mulheres tiveram uma presença importante no jornalismo brasileiro do século XIX. Elas escreviam para jornais e revistas e pertenciam a diversos campos do conhecimento, classes sociais e regiões”, conta ela, no artigo. “No entanto, ignoradas por historiografias

Studies focused on literary journalism held in Brazil can usually be grouped into four types: the first one seeks to answer that fundamental question that served as the first sentence for this story (is it journalism or is it literature?); the second one comprehends those that intend to draw the limits of the research field itself; the third covers the history of literary journalism, addressing pioneers such as Euclides da Cunha; the fourth group studies historical publications, such as the renowned Brazilian magazine *Realidade*, published between 1966 and 1976. Regardless of the group, however, the published studies tend to be conducted by male researchers.

Academic studies on literary journalism published in Brazil are usually conducted by male authors

This is what professor Monica Martinez, a researcher at Uniso’s graduate program in Communication and Culture, realized. This impression ultimately led her to publish an article on the matter as part of the August 2020 issue of the *Literary Journalism Studies* journal, published by the International Association for Literary Journalism Studies (IALJS), for which she serves as chair of the Global Engagement Committee since 2019.

“The history of literary journalism in Brazil is narrated predominantly by male voices. This suggests inequality of gender and a possible gender bias in this history. There is substantial evidence that women had an important presence in nineteenth-century Brazilian journalism. They wrote for newspapers and magazines and belonged to diverse fields of knowledge, social classes, and regions,” she wrote, in the paper. “Nevertheless, ignored by journalistic and

jornalísticas e literárias, a maioria dessas pioneiras — especialmente as revolucionárias que lutavam pelos direitos das mulheres — foram condenadas ao esquecimento.”

Atualmente, ainda que exista uma maior quantidade de mulheres trabalhando no jornalismo — até mais do que homens, dependendo do estudo que se esteja considerando —, estudos da última década apontam que as chefias ainda são predominantemente masculinas. Também é particularmente importante lembrar que a presença feminina não é um fenômeno exatamente novo; elas já estavam lá desde a década de 1950, quando as primeiras repórteres recém-saídas das universidades começaram a galgar os degraus das redações. Isso aconteceu a despeito de o ambiente boêmio que as cercava não ser considerado, na época, o mais adequado para as “moças direitas”. Como Martinez ressalta, tais assunções não impediram jornalistas como Carmen da Silva de tratar de temas considerados polêmicos, como orgasmo feminino e abusos de autoridade por parte de homens. E, além das jornalistas, há também de se considerar o papel das pesquisadoras do jornalismo (como Adísia Sá, Cremilda Medina, Lucia Santaella, Sonia Virgínia Moreira e Zélia Leal Adguirni), que, segundo Martinez, nem sempre são tão lembradas quanto suas contrapartes masculinas.

Contudo, como a pesquisadora faz questão de ressaltar, a grande questão não é simplesmente a presença das mulheres (ou não) no mercado de trabalho: não basta que um grupo esteja inserido nesse mercado, mas que ele esteja de fato representado no conteúdo e no discurso do jornalismo. “Além de um espaço de trabalho”, defende Martinez, “o jornalismo também é considerado uma construção histórica e coletiva”, o que significa que a discussão deve incluir outras camadas de representatividade, o que pode aproximar os estudos em jornalismo literário dos estudos de gênero.

Curiosamente, ela aponta que a palavra-chave “gênero” aparece em somente sete dos 1.500 artigos disponíveis na base de dados da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, alimentada desde 2004, e é justamente isso que,

literary historiographies, most of these pioneers—especially free-spirited women who were fighting for gender rights and divorce causes—have been condemned to oblivion.”

Currently, although there are more women working in journalism—even outnumbering men, depending on the study considered—studies from the past decade indicate that leadership positions are still predominantly male. It is also particularly important to remember that the presence of women in journalism is not exactly a new phenomenon; they have been around since the 1950s, when the first female reporters, fresh out of universities, began climbing the ranks in newsrooms. This occurred despite the fact that the bohemian environment surrounding them was not, at the time, considered appropriate for “respectable young ladies.” As Martinez points out, such assumptions did not prevent journalists like Carmen da Silva from addressing controversial topics, such as female orgasm and the abuse of power by men. Besides these journalists, it is also necessary to consider the role of Brazilian female journalism researchers (such as Adísia Sá, Cremilda Medina, Lucia Santaella, Sonia Virgínia Moreira, and Zélia Leal Adguirni), who, according to Martinez, are not always recognized as much as their male counterparts.

However, as the researcher emphasizes, the core issue is not merely the presence (or absence) of women in the job market: it is not enough for a group to be included in this market; it must also be genuinely represented in the content and discourse of journalism. “In addition to being a workplace,” Martinez argues, “journalism is also considered a historical and collective construction,” which means that the discussion must involve additional layers of representation, thus opening the door for literary journalism studies to align with gender studies.

Interestingly, she draws attention to the fact that the keyword “gender” appeared in only seven out of the 1,500 articles available in the database of the Brazilian Association of Journalism Researchers (at the time the study was conducted). According to Martinez, this is precisely what needs to change,



O mais clássico exemplo brasileiro de jornalismo literário é o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, publicado pela primeira vez em 1902

The most traditional Brazilian example of literary journalism is the book “Rebellion in the Backlands,” by Euclides da Cunha, first published in 1902

segundo Martinez, deve mudar, por meio de uma abordagem transdisciplinar que, a exemplo de sua iniciativa, não desconsidere todo o silenciamento do passado.

“É com orgulho que eu digo que, na Uniso, esse debate não tem sido apenas teórico”, ela defende. “No caso do nosso Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami) — e uso este exemplo apenas porque é um dos que conheço de perto —, começamos a olhar com carinho nossos referenciais, para que refletissem melhor essa questão da equidade de gênero. Ao percebermos que ele não dava conta de expressar a rede notável de pesquisadoras do nosso campo, passamos a cuidar para dar maior visibilidade a elas. Pode parecer pouco, mas não é. Quanto mais alunos e alunas de graduação e pós-graduação se familiarizem com essa questão, melhor será sua produção jornalística e sua pesquisa em jornalismo.”

Como parte do esforço para fomentar o avanço desse campo de estudos, a pesquisadora conta que o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso oferece um novo grupo de pesquisa intitulado Jorlit (Jornalismo Literário e Narrativas de Transformação Pessoal e Social), liderado por ela e certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2021.

through a transdisciplinary approach that, just like her initiative, does not overlook the silencing of the past.

“I proudly say that, at Uniso, this debate has not been merely theoretical,” she asserts. “In the case of our Research Group on Media Narratives (*Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas*, or Nami, in the Portuguese acronym) — and I use this example only because it is one I know very well—, we began to review our references carefully to ensure they better reflect the issue of gender equity. Upon realizing that our references did not adequately express the remarkable network of female researchers in our field, we made an effort to increase their visibility. This may seem like a small step, but it is not. The more undergraduate and graduate students become familiar with this issue, the better their journalistic work and research will be.”

As part of the effort to give momentum to this field of study, the researcher shares that Uniso’s graduate program in Communication and Culture offers a research group titled Literary Journalism and Narratives of Personal and Social Transformation (*Jornalismo Literário e Narrativas de Transformação Pessoal e Social*, in Portuguese, or simply Jorlit), which she leads. The group has been certified by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) since 2021.



Com base no artigo “*Gender, Women, and Literary Journalism Studies: A Brazilian Perspective*”, publicado na edição de agosto de 2020 do periódico *Literary Journalism Studies*, de autoria da professora doutora Monica Martinez, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. Siga o link para ler o artigo original (em inglês).

Follow the link to check the original paper, in English, as published in the *Literary Journalism Studies* journal.



Foto/Photo: Fernando Rezende